

I Colóquio Internacional de História – Sociedade, Natureza e Cultura.

GT: Gênero, sociabilidades e sensibilidades.

ELIZABETH TEIXEIRA: A HISTÓRIA DA LUTA DE UMA MULHER
TRABALHADORA RURAL NA CONJUNTURA REGIONAL DO NORDESTE
BRASILEIRO

Bruno Soares de Abreu – UFCG/CTRN¹
Catyelle Maria de Arruda Ferreira - UFCG/CH²

Resumo

As atuais condições do homem do campo brasileiro são extremamente precárias e preocupantes. Há anos, observam-se freqüentemente lutas travadas por agricultores reivindicando não apenas seus direitos como cidadão, mas também a concretização de uma Reforma Agrária urgente. A história do camponês brasileiro é perpassada por muito sangue derramado em prol de melhorias para o mesmo, acabando vidas e, sobretudo, esquecendo líderes importantes no decorrer de sua história. Nesse contexto, Elizabeth Teixeira, esposa de João Pedro Teixeira, após o assassinato do seu marido continua a busca dos direitos dos camponeses e do respeito esquecido para com o homem do campo. Por muitos anos, ela viveu na clandestinidade, durante a Ditadura Militar (1964- 1985), perdeu filhos, amigos, passou fome e muita humilhação. Mesmo assim, no decorrer de sua história, sua identidade social de camponesa vinda do interior da Paraíba nunca foi abandonada, história essa a ser descrita na desenvoltura deste trabalho.

1. Introdução

No decorrer da história brasileira, desde o período de sua colonização até os dias atuais, podemos constatar a ocorrência de inúmeros conflitos quer sejam estes de ordem econômica, sociais ou políticos. Ao se tratar da temática rural, nos remetemos arbitrariamente aos conflitos de ordem social que existem no processo de Reforma Agrária existente em nosso país. Vale salientar que, se torna indispensável para um bom entendimento dos percursos percorridos pelo processo de reforma agrária em nosso país,

¹ Economista, Pós-Graduado em Economia e Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG; Mestrando em Recursos Naturais UFCG/CTRN.

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

o pleno conhecimento da importância das ligas camponesas juntamente com seus líderes em tal processo, líderes estes que, contra os grandes latifundiários, lutavam pelos direitos dos agricultores que eram esquecidos e marginalizados, muitas vezes tidos como baderneiros, sofrendo com isso toda uma humilhação que infringia seus direitos, sobretudo de cidadãos.

No município de Vitória de Santo Antão, interior de Pernambuco, por volta de 1954, em um engenho conhecido como Galiléia deu-se início ao movimento das Ligas Camponesas. Na ocasião foi formada a Sociedade Agrícola e Pecuária de Plantadores de Pernambuco – SAAPPP, que tinha por intuito auxiliar os agricultores em momentos funerários, proporcionar assistência médica, jurídica e educacional bem como, a criação de uma linha de créditos.

A história dos camponeses brasileiros, como visto anteriormente, sempre foi marcada pela incidência de muito sofrimento e humilhação. A título de exemplificação, que retrata muito bem tal realidade, em ocasiões de falecimento, as famílias camponesas, não tinham direito a velórios, as urnas funerárias eram emprestadas, ao chegar ao local do sepultamento, os corpos eram removidos para que esta mais uma vez pudessem servir a outrem. (SANTIAGO: 2001, 13)

Assistências médicas, jurídicas, acesso ao crédito e desenvolvimento educacional, no âmbito rural eram escassos pelo simples fato destas atitudes irem contra os princípios dos grandes latifundiários da época. Tais latifundiários, sempre carregavam em sua cultura a pregação do abandono e desprezo para com os camponeses. Elizabeth recorda:

A miséria no campo era muito grande. Muitas companheiras de 15, 16 anos morriam de parto, sem assistência. Uma criança adoecia e não tinha o mínimo de assistência no campo. Diante disso, João Pedro ia conscientizando o homem do campo para reivindicar saúde, melhores salários, acabar com aquele cativo do cambão. Aquele cativo de só ter direito a comer daquela mercearia do engenho, com alimentos já mofados. Os trabalhadores não tinham direito a salário. Recebiam um vale para ir ao barracão e ali comprar farinha, açúcar, aquele feijãozinho.

No início de sua criação, a SAAPPP tinha o apoio e solidariedade do proprietário do engenho. Ao chegar ao conhecimento de tal constituição, os outros latifundiários da região, repudiaram tal proprietário e decretaram a SAAPPP como sendo um movimento ameaçador de seus reais interesses.

Comovido com este conflito existente entre latifundiários e agricultores, surge Francisco Julião, que mais tarde viria a ser tido como um grande Líder nas causas camponesas.

Segundo, Santiago (2001:27-28), Bacharel em Direito, e de formação bem diferente da causa defendida com muito orgulho, Francisco Julião utilizou-se de sua formação para lutar contra os latifundiários em favor dos agricultores que cada vez mais necessitavam de seu apoio. Não tendo como abster-se da causa, além da assistência jurídica fornecida, tornou-se líder do meio rural, onde para muitos era considerado como sendo um “agitador camponês”.

Advogado em Recife, decidido a abraçar a causa dos trabalhadores do campo, Julião aceitou defendê-los. A pendência se prolongou até 1957, quando foi aprovada a proposta de desapropriação do engenho, encaminhada à Assembléia Legislativa pelo governador Cid Sampaio com base num antigo projeto de Julião. A questão deu notoriedade aos camponeses de Galiléia e, ainda mais, transformou o primeiro núcleo das Ligas Camponesas no símbolo da reforma agrária que os trabalhadores rurais almejavam.

Essa vitória conseguida com o movimento teve, porém conseqüências contraditórias; se por um lado, ela conseguiu amenizar os ânimos e alimentar a esperança de acomodação através de soluções legais, por outro, estimulou as lideranças a prosseguirem na mobilização em favor de uma reforma agrária radical que atendessem às reivindicações camponesas em seu conjunto dando o surgimento a de outras Ligas Camponesas com os mesmos objetivos de defender e lutar pelos direitos do homem do campo.

Na Paraíba, o movimento teve uma grande importância na conjuntura nacional e internacional, pois cidades como Marauí, Mari, Mariri, Pilar, Itabaiana, Guarabira, Sapé aderiram ao movimento com unhas e dentes, acarretando perseguição e assassinatos a vários agricultores da região. Em tal percurso, famílias foram expulsas e dizimadas de suas terras pelo simples fato de fazerem parte do movimento conhecido como “coisa de comunistas” ou de “arruaceiros”.

Observa-se que a inquietação da classe dominante mediante a tal situação ia se intensificando cada vez mais. O número de adeptos à causa ia se tornando maior. Adeptos estes que não se limitavam apenas a trabalhadores rurais, mas sim à trabalhadores das mais distintas áreas.

A cidade de Sapé, na Paraíba, passa a se destacar no cenário nacional após a fundação da Liga Camponesa na cidade em 1959, por causa do seu grande líder João Pedro Teixeira. A partir das medidas alcançadas com a efetivação da Liga na região, um camponês não era mais expulso sem indenização ou permanência na terra sem nenhuma ajuda. A Liga, que tinha como função defender e lutar pelo camponês monitorava os atos injustos ao agricultor e congregadamente, os demais agricultores iam ao latifundiário que cometeu um ato injusto para assim reivindicar juntos por soluções que viessem atender as necessidades de ambas as partes.

Sapé foi considerado por muitos estudiosos, como o foco do movimento das Ligas Camponesas na Paraíba, devido à figura principal de João Pedro Teixeira. Na região João Pedro, devido a sua postura contrária as injustiças sociais impostas aos pequenos agricultores foi considerado como um dos principais líderes camponês da época. Sua história encontra-se intimamente co-relacionada à história de Elizabeth Teixeira pelo fato desta se tratar de sua companheira de vida e membro fiel a sua luta.

A primeira luta contra os latifundiários feita por João Pedro, logo após sua chegada em Sapé foi quanto à extinção do “cambão”, termo utilizado quando o trabalhador rural no primeiro dia da semana tinha que realizar suas atividades na propriedade do patrão gratuitamente.

2. Elizabeth Teixeira

Nascida em 13 de fevereiro de 1925, Elizabeth Teixeira narra sua história no livro “Eu marcharei na tua luta”, descrevendo em poucas palavras a sua vida como protagonista. Quando criança, Elizabeth sofre a primeira rejeição do seu pai pelo simples fato de nascer mulher. Quando nasciam homens na família, seu pai soltava foguetões em ato de comemoração, e já quanto às mulheres nada era manifestado como forma de festejo, pelo contrário, no início a criança estava inserida em um grande processo de rejeição, rejeição esta que teve que durar muito tempo até seu pai aceitar tal situação.

Elizabeth não teve o direito de continuar seus estudos. Seu pai sempre afirmava que estudo não valeria de nada na vida de uma mulher. Aos 15 anos, em 1940, conheceu João Pedro Teixeira namorou através de cartas e em 10 de Junho de 1942 ela fugiu da casa do seu pai. João Pedro é descrito por Elizabeth como sendo uma pessoa alegre, muito ligado a Igreja Evangélica - que por sinal era cantor no coro da igreja - um bom pai e excelente marido, compreensivo e muito trabalhador.

Toda a sua vida conjugal foi marcada por conflitos com o seu pai que não era de acordo com a sua união. Quando residiam em Recife, Pernambuco, Elizabeth e seu esposo em um determinado momento se encontravam em situação de miséria. As dificuldades eram tão intensas que ambos resolveram voltar para Sapé, passando a morar em um sítio pertencente ao pai. A partir desta mudança João Pedro passou a começar e ter contato a dura realidade do homem do campo.

Na medida em que o movimento camponês ia se intensificando, o índice de violência também o acompanhava gradativamente. O assassinato de João Pedro Teixeira em 2 de abril de 1961, dentre inúmeras outras mortes, vinha demonstrar o que infelizmente era e o que ainda hoje é a vida quando se trata em disputa de perda de poder e o medo do povo, ocultamento típico das elites, incapazes de dialogar com os trabalhadores.

Elizabeth diante do corpo do seu marido proferiu a frase, afirmando sua luta a partir daquele ano juntamente aos camponeses injustiçados:

João Pedro, por mais de uma vez você me perguntou se eu daria continuidade á sua luta, e eu nunca te dei a minha resposta. Hoje eu te digo, com consciência, ou sem consciência pela luta, eu marcharei na tua luta, João Pedro, pro que der e vier.

Elizabeth, em sua trajetória, incorporou a dor dos excluídos, dando continuidade luta mesmo após o assassinato de João Pedro. Antes, a mesma não tinha nenhuma atuação diretamente na Liga Camponesa. Nas reuniões feitas em sua casa ela não participava. Após o assassinato do seu esposo, ela tornou-se mais forte, mais solidária a causa e de, uma mera dona-de-casa passou a ser presidente da Liga Camponesa de Sapé, sendo posteriormente reconhecida nacional e internacionalmente.

Nas entrevistas e discursos proferidos ainda hoje em movimentos do MST e outros ligados ao Movimento de Reforma Agrária, Elizabeth Teixeira luta pelos direitos

do homem do campo. Em muitos momentos narra sua história de vida, como mulher, dona-de-casa que sempre foi, mãe de 11 filhos, nos deixando claro sua origem pobre e sua identidade social de agricultora que nunca foi esquecida nem tampouco abandonada.

As perdas familiares de Elizabeth começaram com o assassinato de João Pedro, dois filhos assassinados e logo em seguida sua filha Marluce que aos 18 anos de idade suicidou-se tomando veneno por acreditar que esses conflitos não teriam mais solução. E logo depois para intimidá-la, o seu filho Paulo Teixeira levou um tiro quando estava em sua plantação. Elizabeth, marcada pela tragédia lembra-se que:

A menina mais velha suicidou-se no mesmo ano em que o pai foi assassinado, por não haver justiça. João Pedro morreu no dia 2 de abril, e no dia 16 de junho acertaram um tiro no menino Paulo Teixeira. Estava arrancando macaxeira, às 5 horas da tarde, e recebeu um tiro no osso frontal a mando do latifúndio, para me intimidar, para que eu abandonasse a luta. Hoje, ele mora em Pernambuco, é um homem com problemas mentais. Os médicos que fizeram a sua cirurgia disseram que teria problemas com uns 30 anos.

O Golpe Militar de 1964 para Elizabeth significou: prisão, fuga, clandestinidade, afastamento dos seus filhos, perda da identidade como pessoa física. Mesmo assim, a camponesa tida como lutadora nunca foi esquecida. Ela fugiu apenas com seu filho Carlos, deixando para trás os outros filhos espalhados entre seus irmãos e seu Pai. Elizabeth relembra tal época quando relata em entrevista:

Com o golpe militar e eu tive que ser presa. Passei seis meses presa no Exército. Quando me liberaram, o Exército já me disse que a Polícia ainda ia me prender. Eu tive que fugir para um Estado, o Rio Grande do Norte, para qual ninguém me conhecia e fiquei lá todo o tempo da ditadura militar. Trabalhei como lavadeira de roupa. Lá o sol era muito quente e eu era Marta Maria da Costa e não Elizabeth Teixeira. (V Congresso do MST, Brasília(DF), 2007)

Em 1981, Elizabeth sai da clandestinidade, e o cineasta Eduardo Coutinho (idealizador do filme “*Cabra Marcado para morrer*”, que conta a história e vida de João Pedro Teixeira), procura Elizabeth logo após sua saída da clandestinidade para assim continuar as filmagens do filme. Por intermédio dele encontrou seu filho

Abrahão, que trabalhava em Patos-PB como jornalista. E aos poucos foi ocorrendo os reencontros com seus filhos, que no período da Ditadura Militar foram educados por parentes próximos a Elizabeth.

Emocionados com a história da vida de Elizabeth Teixeira, e com a força do “homem” em meio às dificuldades, vimos o quanto é importante lutar por aquilo que se é direito, se não pela lei dos homens, mas pela “lei do merecimento”.

Elizabeth Teixeira mora hoje em João Pessoa, Paraíba, em Cruz das Armas e nos fala que ainda não perdeu a esperança de que um dia ocorra uma reforma agrária séria em nosso país, sobre isso ela menciona que:

*Era a maior alegria da minha vida se eu tomasse conhecimento de que fosse implantada uma reforma agrária em nosso País, e que todos os homens do campo tivessem condições de sobreviver ali na terra, melhorar essas condições do trabalhador da terra, isso aí era o que eu tinha mais prazer na minha vida, e hoje, na idade em que estou, tomasse conhecimento de um movimento desses.
(Repórter Social, DF, 28/03/2006, por Alceu Luís Castilho)*

Com este trabalho foi possível observar a triste trajetória da história do camponês nordestino visto a partir do contexto político social do movimento das Ligas Camponesas. Tal movimento deu origem a líderes de grande importância na conjuntura nacional que mesmo com toda a dificuldade lutavam e defendiam um ideal justo para todos. No entanto, esquecidos na conjuntura nacional, mais são lembrados eternamente pelo povo e pela região que tanto defenderam e defendem.

Referências Bibliográficas:

BANDEIRA, Lourdes Maria, MIELE, Neide SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **Eu marcharei na tua luta! A vida de Elizabeth Teixeira**. João Pessoa: ed. Universitária / UFPB, 1997.

CASTILHO, Luís Alceu. O SOCIAL NO CINEMA – Aos 81 anos, Elizabeth Teixeira, a viúva de “Cabra Marcado para Morrer”, ainda sonha com a reforma agrária. Disponível em <http://www.reportersocial.com.br/noticias.asp?id=1152&ed=terra>, acessado em 10/07/2008

Fórum de Entidades Nacionais de Direitos Humanos, O que foram as Ligas Camponesas? Disponível em: www.direitos.org.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=2322. Acessado em 06/07/2008.

FREIRE Alípio; e PEREIRA Hamilton.. Disponível em: <http://www2.fpa.org.br/portal/modu.php?storyid=989>. Acesso em 10/07/2008.

SANTIAGO, Vandek. **Francisco Julião: luta, paixão e morte de um agitador**. Recife: Assembléia Legislativa, 2001. (Série Perfil Parlamentar Século XX, 8) 126p.

SCOCUGLIA, Celso Afonso. **História e educação popular na Paraíba Brasil**. Disponível em: www.ufmt.br/revista/arquivo/rev14/histeduc_popular_na.html. Acesso em 05/07/2008.